

CAPÍTULO 19

Análise sobre o papel histórico e contemporâneo da ecocrítica diante da crise ambiental global

Rodrigo Massao Kurita¹
André Felipe Simões

RESUMO

A ecocrítica surge em meados da década de 1980 como um novo paradigma de estudos literários pautado na defesa e proteção do meio ambiente. Esse movimento emerge da premência do enfretamento da crise ambiental causada pelas atividades antrópicas e, de modo correlato, da necessidade de expandir a consciência socioambiental em prol de maior engajamento ambiental preservacionista. Nesse contexto, o presente capítulo, por meio de revisão bibliográfica, objetivou caracterizar e analisar os antecedentes históricos da ecocrítica vis-à-vis suas principais escolas teóricas. Destarte, este estudo almejou uma análise crítica e pormenorizada da ecocrítica sob o prisma

1 O autor Rodrigo Massao Kurita agradece à Capes pelo apoio financeiro, no contexto da Bolsa de Demanda Social (Capes – DS). Já o autor André Felipe Simões agradece à Capes e ao CNPq, pelo apoio financeiro, respectivamente, no contexto de Bolsa de Professor Visitante no Exterior (usufruída durante a feitura deste trabalho) e de Bolsa de Produtividade PQ2.

das externalidades socioambientais correlatas ao pós-colonialismo e com foco na mitigação da crise ambiental global. Foi possível, no contexto do desenvolvimento deste estudo, caracterizar e analisar as principais dificuldades faceadas pelos ecocríticos pós-coloniais ao tentarem, de modo inconsciente, descaracterizar as narrativas ecocríticas do Sul Global. Observou-se, de maneira conclusiva, que uma das principais contribuições da ecocrítica se refere à adição de novas perspectivas metodológicas e teóricas na instrumentalização do pensar com sensibilidade ecológica, bem como no que tange ao fortalecimento do engajamento das correntes biocêntricas em contraposição ao antropocentrismo.

Palavras chave: ecocrítica; conscientização socioambiental; pós-colonialismo; mitigação da crise ambiental.

ANALYSIS OF THE HISTORICAL AND CONTEMPORARY ROLE OF ECOCRITICISM IN THE CONTEXT OF THE GLOBAL ENVIRONMENTAL CRISIS

ABSTRACT

Ecocriticism emerged in the mid-1980s as a new paradigm of literary studies based on the defense and protection of the environment. This movement emerges from the urgency of facing the environmental crisis caused by anthropic activities and, correlatively, from the need to expand socio-environmental awareness for greater environmental preservationist engagement. In this context, the present work aimed to characterize and analyze the historical antecedents of ecocriticism vis-à-vis its primary theoretical schools. Concomitantly, this study, through an literature review, aimed at a critical and detailed analysis of ecocriticism from the perspective of socio-environmental externalities correlated to post-colonialism, and focusing tackling the global environmental crisis. It was possible, in the context of the development of this study, to characterize and analyze the main difficulties faced by postcolonial ecocritics when trying, unconsciously, to mischaracterize the ecocritical narratives of the Global South. It was conclusively observed that one of the main contributions of the ecocriticism was the addition of new methodological and theoretical perspectives in the instrumentalization of thinking with ecological sensitivity, as well as in strengthening the engagement of biocentric currents in opposition to the anthropocentrism.

Keywords: ecocriticism; socio-environmental awareness; postcolonialism; mitigation of the environmental crisis.

19.1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 20 anos, a ecocrítica se desenvolveu como um movimento revisionista de natureza emergente e global, com o intuito de estabelecer em seus alicerces epistemológicos a necessidade tanto da conservação ambiental quanto da preservação do meio ambiente. Essas considerações surgem do crescimento substancial da crise ecológica experienciada nas décadas anteriores, assim como devido à urgência de repensar e reanalisar as interações entre o homem e o seu ambiente natural (Marland, 2013). Entretanto, representações e pensamentos pautados na conservação natural da biosfera são heranças da sensibilidade humana anteriores ao ambientalismo moderno. Tamanhas predisposições e preocupações já eram abordadas no ano de 1854, quando o filósofo estadunidense Henry Thoreau (1817-1862) publicou suas impressões naturalísticas por meio de sua obra-prima *Walden, or life in the woods*² (A vida nos bosques, em tradução livre). Essa publicação de Thoreau é considerada de grande importância, pois abrange elementos da natureza de forma holística e interligada (Pereira, 2018). Em suas inúmeras reflexões ao longo desse manifesto, Thoreau formulou reflexões sobre a necessidade da preservação da natureza e da profunda necessidade humana do despertamento da consciência ambiental, que se tornaria a gnosiologia fundamental da ecocrítica (Pereira, 2018).

A partir de 1962, com a publicação do livro *Primavera silenciosa*, de Rachel Carson, considerada a precursora do ambientalismo moderno, houve também o início de uma ruptura cultural, que, inicialmente, pautara-se nas questões de degradações ambientais à época: o aumento do crescimento populacional, a escassez dos recursos naturais, a poluição ambiental e a fabricação de ogivas nucleares (Bühler, 2016). Gradativamente, as discussões acerca dos problemas ecológicos e dos impactos ambientais se tornaram reivindicações sociais em escala global (particularmente no Norte Global), não apenas por colocarem em risco a saúde humana, mas, também, por prejudicarem os ecossistemas e a biodiversidade (Hogan, 2007). É nesse cenário de preocupações ambientais crescentes que a ecocrítica floresce, com intrínseca criticidade para delinear seu espaço teórico e discutir, mais profundamente, os valores da sociedade em relação à crise ambiental em voga (Bühler, 2016).

Contudo, foi apenas em meados da década de 1980 que se iniciaram os primeiros projetos de estudos literários centrados nas narrativas sob a égide ecologista. No ano de 1985, a publicação da obra *Teaching environmental literature: materials, methods and resources*, de autoria de Frederick Waage (1985), permitiu uma ampliação considerável do interesse dessa temática, tanto entre as cátedras acadêmicas, mas

2 A temática central desta obra é considerada um manifesto contra a civilização industrial, a urbanização e o modo de vida materialista preconizada no cânone do desenvolvimento econômico estadunidense.

também no seio da sociedade civil (Glotfelty, 1996). Com essa demanda que excedeu as expectativas iniciais, criou-se, então, o instituto The American Nature Writing Newsletter, responsável pela divulgação das contribuições associáveis à ecocrítica no meio científico, por intermédio de ensaios, artigos, dissertações e teses ao redor do globo (Glotfelty, 1996).

A conscientização mais amplificada sobre a questão ambiental, mediante os dilemas éticos impostos pela crise ecológica ambiental, permitiu o reconhecimento da importância que a crítica literária pode desempenhar quanto à posição do homem na biosfera (Oppermann, 2012). O senso de pertencimento e o retorno ao homem natural, ideário do biocentrismo,³ remete as condições anteriores ao pensamento antropocêntrico. Se, por um lado, a valoração das vidas inumanas é justificada por princípios morais, por outro, tem-se a exacerbação do homem como referência máxima dos valores de um sistema (Silva; Rech, 2017). A proliferação desse pensamento é peremptoriamente criticada por Krenak (2020, p. 12): “A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”.

19.2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho objetivou caracterizar e analisar os antecedentes históricos, teóricos e contemporâneos da ecocrítica. A metodologia aplicada baseou-se na revisão bibliográfica com a pesquisa de *papers* e artigos no período entre os dias 3 e 30 de março de 2023. O levantamento bibliográfico se efetuou por meio de consultas às bases Scopus, Plataforma Sucupira, Science Direct e Scielo. Além disso, utilizou-se no cerne desta pesquisa as seguintes palavras-chave: “ecocrítica”, “literatura ecológica” e “crise ambiental”. Posteriormente, aplicou-se a filtragem por fator de impacto das publicações selecionadas. Para maior aderência ao foco e ao escopo de pesquisa, os critérios para seleção de manuscritos e *papers* foram os seguintes: (i) aderência da temática com o objeto de pesquisa; e (ii) relevância da publicação, particularmente no que tange ao fator de impacto. Os critérios de inclusão e exclusão das produções científicas compiladas foram delimitados com ênfase na historicidade, pertinência teórica e contribuições socioambientais. Almejou-se, ainda, neste estudo, uma avaliação crítica acerca das externalidades socioambientais associáveis ao pós-colonialismo e à degradação ambiental. De modo subsequente, analisaram-se os papéis históricos da ecocrítica vis-à-vis sua abordagem contemporânea diante da necessidade de enfrentamento da atual crise ambiental.

3 Conceito pela qual a existência de seres inumanos, tal como o meio ambiente natural, possuem valor existencial e direitos jurídicos próprios (Stoppa; Viotto, 2014).

19.3 CONCEITUAÇÃO DA ECOCRÍTICA

A conceituação da ecocrítica perpassa as conceituações etimológicas e se imbrica em diversos desdobramentos multidisciplinares. Em uma abordagem semiótica, seu nascimento alude à junção dos significados basilares das palavras “ecologia” e “crítica”. A palavra “ecocrítica” foi empregada, pela primeira vez, num texto científico-acadêmico, em um artigo datado de 1978, de autoria de William Rueckert (Rueckert, 1978; Glotfelty, 1996). Em relação à ecologia, etimologicamente, a palavra *eco*, proveniente de *oikos*, que significa “casa” ou “terra”, une-se a “*logia*”, advinda de *logos* ou estudo detalhado (Mishra, 2016). Assim, a junção das duas palavras tem um significado semelhante a “estudo da casa”. Contudo, tal conceituação pode ser considerada empobrecida, principalmente diante da relevância posteriormente adquirida pelo termo. Nesse ínterim, com a necessidade de aprimoramento conceitual dessa problemática conceitual, Glotfelty (1996) define esse neologismo como o estudo das relações entre a literatura e o ambiente físico. Concepções semelhantes são dadas por Buell (2005), ao definir a ecocrítica como o uso da práxis literária sob a égide das preocupações ambientais, e por Slovic (2000, p.7), que utiliza a ecologia e conceitos ecológicos “para o estudo da literatura e seus desdobramentos ambientais correlacionados à preservação ambiental”. Em suma, a ecocrítica estabelece o balizamento das interações humanas sob a faceta da abordagem ambientalista. Com frequência, distingue-se da literatura convencional ao abordar, em seu escopo de pesquisa, a postura ética em relação ao meio ambiente e, conseqüentemente, seus desdobramentos ou interconexões entre os seres humanos e os inumanos.

Desde a publicação do artigo “Literature and ecology: an experiment in ecocriticism”, de William Rueckert, em 1978, o campo da ecocrítica cresceu dentro do campo dos estudos de literatura, estabelecendo-se como parte integrante das humanidades ambientais. Em geral, os defensores dessa linha de pensamento e do novo paradigma dessa escola literária lidam com a teia de relações entre os produtos culturais e a natureza. Ao fazerem isso, eles expressam, intencionalmente, suas críticas culturais e literárias de uma perspectiva tipicamente político-ambientalista. Seus objetos de estudo incluem textos, poemas, peças de teatro e, cada vez mais, produções visuais, como filmes e obras de arte. Embora as abordagens ecocríticas a esses formatos sejam diversas, um objetivo comum é eliminar a dicotomia entre natureza e sociedade. Como tal, a ecocrítica desconstrói tópicos abrangem superficialmente questões de natureza ambientalista e concepções hegemônicas romantizadas da natureza e as concepções romantizadas da natureza. A justiça ambiental e a ética também fornecem fomento para discussões da ecocrítica (Glotfelty, 1996). Esses intercâmbios sugerem uma forte aproximação da ecocrítica com a ecologia profunda, uma teoria proposta

pelo filósofo norueguês Arne Næss (1912-2009) como contraponto à visão dominante sobre o uso dos recursos naturais.

Abordagem semelhante é dada por Boff (2017) ao salientar que, em tempos imemoriais, o homem reverenciava a terra como um elemento divino e sagrado; e, posteriormente, o modelo econômico da pilhagem (basicamente do Norte Global em relação ao Sul Global) se arraigou, sobremaneira, no cerne do atual sistema capitalista. De fato, esse modelo predatório obteve ainda mais ênfase na fundamentação religiosa inerente às doutrinas judaico-cristãs, que, de modo mais ou menos explícito, ressaltam (uma hipotética) superioridade hierárquica do homem perante todos os demais seres vivos (Branco, 2010). E esse fenômeno se intensifica ainda mais a partir do início da primeira fase da Revolução Industrial, no último quartel do século XVIII, desaguando de modo quase visceral nas doutrinas do neoliberalismo moderno da Escola de Chicago. Embora a ecocrítica desempenhe um papel semelhante a alguns estudos ecológicos, o principal foco de seu viés argumentativo é a defesa ambiental, mediante a análise das implicações morais no relacionamento entre humanidade e natureza, com o intuito de induzir à conservação dos recursos naturais (Garrad, 2004). Mesmo que os ecocríticos não possuam, por vezes, uma base cientificamente sólida no campo da ecologia, suas contribuições são de extrema relevância, principalmente por fornecerem mecanismos que permitem transgredir certos limites disciplinares e desenvolverem e disseminarem a alfabetização ecológica própria (Garrad, 2004).

19.4 AS FASES INICIAIS DA ECOCRÍTICA

A primeira fase da ecocrítica se desenvolveu em 1990, por meio da escrita naturalística como ponto central de seus estudos. Nesse contexto, analisam-se as expressões tanto artísticas quanto literárias, por meio da práxis ambiental, e, como externalidade, o desbravamento do despertar da consciência ambiental. Comumente, essa abordagem permitiu que o meio ambiente se tornasse o tema central das discussões literárias, facilitando, assim, a reconexão do indivíduo (indivíduo-leitor, em especial) com a natureza e, concomitantemente, reduzindo todo o ideário teórico ao segundo plano (Nuri, 2020). Ainda segundo Nuri (2020), essa condicionante permitiu tecer críticas construtivas de combate à destruição ambiental e, desse modo, influenciou muitos discentes de áreas multidisciplinares no que tange aos debates das suas relações com a natureza. É nesse âmbito que se analisam a dicotomia e as distorções pré-existentes na relação humano-natureza e, também, os arcaísmos das heranças culturais, sociais e ambientais que implicam o comportamento típico contemporâneo (Rocha; Feldman, 2020). Tem-se, portanto, neste primeiro estágio da ecocrítica a ênfase na alcunhada “escrita da natureza”, ou seja, estudos voltados à preservação natural e à exaltação da beleza paisagística (Rocha; Feldman; Silva, 2020).

A segunda fase da ecocrítica se inicia em 2000, quando surge a necessidade de suas abordagens se tornarem desdobramentos transnacionais, e não apenas nacionais (Nuri, 2020). Com essa diretiva, as questões ambientais, que antes eram diretivas de paisagismos rurais ou selvagens, passaram a rejeitar a separação artificial entre áreas rurais e urbanas (Nuri, 2020; Oppermann, 2012). Enquanto o embrião da ecocrítica procurava conceber uma visão preservacionista, essa segunda escola da ecocrítica se aproximou mais veementemente de outras vertentes do ambientalismo convencional, e aborda diretamente adversidades oriundas da injustiça ambiental, do pós-colonialismo e do racismo ambiental (Nuri, 2020). Ao enfatizar tais aspectos, a ecocrítica reconhece, pela primeira vez, que as questões sociais estão intrinsecamente correlacionadas com a degradação ambiental e que a literatura pode ser ferramenta de grande eficácia para resolução de múltiplas perspectivas e preocupações relacionadas à pobreza e à miséria (Nuri, 2020; Oppermann, 2012).

Em sua terceira fase, no ano de 2009, a ecocrítica se aprofundou ainda mais na compreensão das questões ambientais baseadas nas experiências e vivências comuns. Para tanto, sua dialética incorre na inclusão de novos aportes literários ou científicos, no intuito de reconhecer particularidades étnicas e multiculturais (Nuri, 2020). Segundo Nuri (2020), esse tipo de abordagem possibilitou a ruptura dos modelos tradicionais de disciplinaridade, permitindo desse modo, a transcendência das fronteiras transnacionais para novas perspectivas globais. Assim, a inclusão da etnicidade ampliou o escopo da ecocrítica para estudos até antes inexplorados e, conseqüentemente, alcançando novos públicos (Nuri, 2020; Slovic, 2010). Tais considerações, de acordo com Slovic (2020), são relevantes, pois permitem a manutenção das identidades étnicas e da experiência humana no meio ambiente. Hayashi (2007) postula que a inclusão dos saberes multiétnicos viabiliza investigações e discussões mais profundas acerca da ética ambiental.

19.5 A ECOCRÍTICA NO CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL

No cerne de todo o movimento ecocrítico, encontra-se a necessidade urgente do enfrentamento da atual crise ambiental. Vive-se em uma época na qual o vilipêndio aos recursos naturais e o aumento das externalidades negativas ao meio ambiente põem em contraposição todo o ideário de desenvolvimento, e mais ainda de crescimento econômico. Esse processo de crescimento econômico, com a materialidade capitalista, tornou-se uma condição estrutural e enraizada no seio da sociedade humana, pela qual se parte do pressuposto básico de que o crescer econômico seria a panaceia para todos os problemas da humanidade (Guimarães, 1995). Tudo isso se limita não apenas ao acúmulo de riquezas e à geração de pobreza e miséria, mas também se relaciona, e de modo visceral, à destruição ambiental, à desqualificação e

ao esquecimento intencional dos limites naturais de resiliência do sistema terrestre, bem como da biosfera, responsável por sua estabilidade (Guimarães, 1995; Rockström *et al.*, 2009).

Para análise dessas circunstâncias, é necessário compreender que a construção do sujeito como ser humano histórico, desde sua gênese, foi concebida na usurpação e na expropriação da natureza, para sua emancipação. Ou seja, a constituição humana que caracteriza cada um de nós como humanos só foi possível por meio da obliteração do meio natural, pois “o trabalho é antes de tudo um processo entre o homem e a natureza, um processo no qual o homem por sua atividade realiza trocas com a natureza” (Marx, 2001, p. 211). Essa guinada da humanidade do Período Holoceno para o Antropoceno causou inúmeras transformações, seja no espaço do historicismo social humano, seja nos intercâmbios e nas inter-relações com a natureza. Mas é justamente no Holoceno que o homem passa a se “considerar a criatura eleita por Deus para dominar o mundo” (Soffiati, 2022). Nesse viés, o papel da ecocrítica é tecer críticas e questionar as modificações antrópicas existentes nas conturbadas, complexas, tênues e tipicamente desarmônicas relações entre o ser humano e a natureza.

Na visão de Oppermann (2012), a ecocrítica fortalece o estreitamente político em prol do enfrentamento das degradações ambientais, tornando-se, assim, uma forma de trivializar a aproximação interativa entre elementos naturais e não naturais. Constatação semelhante é dada por Manes (1992), ao salientar que a consideração da natureza como uma entidade viva e articulada permite alterações profundas nas práticas sociais. Essa perspectiva condiz perfeitamente com a necessidade de se desconstruir o pensamento colonialista, pelo qual a humanidade, por meio de seus arranjos históricos e sociais incitados pela busca de poder (sob diversos matizes), tende a subjugar a natureza ao bel-prazer (Manes, 1992). Pereira (2018) postula que a ideia de dominância sobre a natureza é a grande responsável pelos abissais desacertos contemporaneamente existentes entre a sociedade e seu meio natural. Portanto, para a ecocrítica é necessário o despertar deste espírito inquiridor e inquieto para que se estabeleçam as possibilidades concretas de aquisição de conhecimentos ecocríticos e sua própria construção (Freire, 1996).

Esse exercício contínuo de pertencimento do homem à natureza, sob certo prisma, significa um esforço intelectual desprendido que requer o rompimento em relação a determinados conceitos sociais pré-definidos. Porém, para que haja essa antítese ideológica, antes de tudo, é necessário o enfrentamento do mundo consumista, a reconfiguração de novos (e muito menores) padrões de consumo e um novo postulado que permita o desenvolvimento socioeconômico e a estabilização na exploração de recursos naturais (Costa; Lemos; Moreira; Gama 2004). Inexoravelmente, a construção (e, muitas vezes, a reconstrução) de valores éticos e morais representa o

alicerce-objetivo principal da ecocrítica. Contudo, ressalta-se que o movimento não considera criar soluções para a crise ambiental atual, mas colocar em prática visões que permitam ao cidadão comum externalizar suas atitudes ante a natureza.

A ecocrítica é também um movimento político e filosófico por meio do qual os ecocríticos costumam expressar suas análises socioculturais em prol de um movimento verde (Garrard, 2006). Consequentemente, aproxima-se de modo transcendente das orientações e dos significados correlatos aos movimentos ambientalistas e ecologistas. Esse enfoque, em larga medida, contribui para que suas análises trespassem o superficialismo ambiental praticado de modo comum pela sociedade, e ganha destaque nas ideias socialmente construídas (Worster, 1991). São esses ideais e essas representações que permitem o vislumbre da crise ambiental e que, desse modo, permitem seu debate em inúmeros espaços culturais (Garrard, 2006; Worster, 1991).

19.6 O PÓS-COLONIALISMO NA ECOCRÍTICA

A concepção pós-colonial da ecocrítica se empenha, basicamente, no resgate dos legados cultural e histórico anteriores ao colonialismo. Nessa abordagem, a ecocrítica oferece a possibilidade de diversos estudos interseccionais privilegiarem o resgate das heranças culturais tradicionais, as quais antes só poderiam ser relegadas ao ostracismo por influência hierárquica colonial. Muitos estudos pós-coloniais sugerem que ex-colônias, em sua grande maioria, desconhecem as mudanças ambientais ocorridas em seus territórios (Afazl, 2017). A crítica pós-colonial, per se, “é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno” (Bhabha, 2005, p.25)

Com isso, a ecocrítica adquire seu espaço, em que a cultura, a identidade, as paisagens naturais, os domínios territoriais e a liberdades das populações nativas são novamente reconquistados; essa linha de convergência acaba por si só se fundindo à ecocrítica pós-colonial (Afazl, 2017). Mesmo que a crítica pós-colonial e a ecocrítica pareçam campos de pesquisa distantes, os dois campos cotejam as mesmas abordagens teóricas em suas práticas discursivas. Ambos, indubitavelmente, imbuem-se de criticidade a favor da desconstrução do modelo capitalista. Outrossim, ambas as correntes possuem avaliações representacionais dos mecanismos de legitimação do poder e, cada uma a seu modo, acreditam amplamente no poder transformador da cultura. Esses compromissos são visíveis nas contestações presentes nas disparidades originadas das desigualdades sociais e econômicas, bem como nos embates anticoloniais (Huggan, 2009). De fato, essa simbiose se preocupa principalmente com a representatividade do local no qual a problemática socioambiental se circunscreve e ocorre.

O grande desafio da abordagem ecocrítica pós-colonialismo, então, refere-se à cisão decorrente de linhas de pensamentos divergentes. Huggan (2009), nesse contexto, argumenta que a ecocrítica por vezes se baseia apenas nas temáticas de conservação ambiental, no mundo natural e na correlata noção de pertencimento; e isso, de uma forma ou outra, de acordo com o autor, acaba contribuindo para discursos superficiais no contexto pós-colonial. Ainda segundo Huggan (2009), esse tipo de retórica comunitária e organicista acarreta o enraizamento do radicalismo ambiental, prejudicando a solidariedade que deveria ser oferecida às classes mais miseráveis. Essa falha de análise dos ecocríticos é ainda mais predominante na análise de Jonah (2020), sugerindo que tanto os ecocríticos quanto os pós-colonialistas não conseguem distinguir a lógica existente entre as ações humanas específicas que degradam, ou mesmo extinguem a fauna, e os atos praticados por dominadores que afetam apenas os seres humanos. O perigo existente nessa ambivalência é a superficialidade teórico-científica que pode surgir destes discursos enviesados.

Outro desafio da ecocrítica pós-colonial implica, portanto, a ruptura desse paradigma etnocêntrico e a busca holística de fluidez para seus estudos comparativos. Na opinião de Nixon (2005), a transnacionalidade aliada a recortes geográficos do Sul Global, possibilitariam essa universalização do pensamento de conservadorismo ambiental. Esse pensamento, tanto técnico quanto metódico, priorizaria a gestão responsável de recursos naturais em países colonizados e também consistiria no renascimento célere da consciência ambiental por meio do avanço da assimilação de novos traços culturais (Nixon, 2005). Em comum acordo, Jonah (2020) reafirma sua posição na integração livre dos pensamentos ecocríticos, sem a necessidade de reflexões pré-concebidas nos arcabouços de países imperialistas. Nisso encontra-se a relevância da ecocrítica pós-colonialismo, seja com seu aporte como referencial teórico ou como a metodologia de análise pós-colonial para compreensão das dinâmicas neoliberais, inexoravelmente com fins lucrativos a partir da pilhagem e da destruição do meio ambiente (Paliwal, 2020).

19.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ecocríticos, de modo geral, têm envidado seus esforços intelectuais e suas criticidades intrínsecas para, ao máximo possível, auxiliar na superação das condições socioambientais críticas impostas pelo antropocentrismo e pelo tecnocentrismo,⁴ ambos contemporaneamente imersos na falaciosa e pretensa ideia de que é possível, sob a égide capitalista, o crescimento econômico ilimitado. Evidentemente, isso é

4 Sistema de valores centrados exclusivamente na tecnologia e na sua capacidade de controle e proteção do meio ambiente (Manson, 2012).

inatingível, na medida em que a natureza não é uma cornucópia incessante de recursos naturais.

A argumentação metafísica voltada ao biocentrismo, sob o prisma da ecocrítica, permite uma nova ressignificação do meio natural orientada, fundamentalmente, para a preservação da natureza. Destarte, a ecocrítica viabiliza a expansão do senso crítico e, concomitantemente, estabelece parâmetros teóricos que possibilitam questionar os arranjos institucionais inerentes ao status quo produtivista, centrado no desenvolvimentismo (entendido aqui como o desenvolvimento a qualquer custo, praticamente desconsiderando-se os impactos ambientais).

Observa-se, ainda, que o choque geopolítico-econômico entre o Norte Global e o Sul Global também se desvela nos embates, ainda que implícitos ou mesmo inconscientes (na medida em que carregam, por vezes, condicionantes histórico-culturais por demais arraigadas aos literatos da ecocrítica), entre narrativas ecocríticas pós-coloniais e aquelas tipicamente representativas das narrativas ecocríticas do Sul Global. Tal embate, em boa medida, tem gerado perceptível ruptura entre tais narrativas (e seus representantes ecocríticos) no contexto acadêmico. Portanto, uma maior efetividade da ecocrítica e de suas propostas depende da superação dessa relativa ruptura, seja esta relacionável a materialidades históricas ou a desconhecimentos.

Verificou-se, também, que desde a publicação do artigo “Literature and ecology: an experiment in ecocriticism”, de William Rueckert, em 1978 (Rueckert, 1978), o campo da ecocrítica cresceu no seio dos estudos de literatura, estabelecendo-se como parte integrante das humanidades ambientais. Em geral, os defensores dessa linha de pensamento e paradigmática escola literária lidam com a teia de relações entre os produtos culturais e a natureza. Ao fazerem isso, eles expressam, intencionalmente, suas críticas culturais e literárias de uma perspectiva tipicamente político-ambientalista. Urge frisar que elementos basilares à ecocrítica são observáveis em diversas produções artístico-culturais, por vezes advindas de fora dos ambientes tipicamente acadêmico-literários. Nesse contexto, é possível mencionar, dentre diversos possíveis exemplos, a letra da música *Xote ecológico*, de 1989, de Aguinaldo Batista (1930-1980) e do atemporal artista brasileiro Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), também conhecido como “Gonzagão”. Eis, a seguir, um trecho da citada composição musical:

O verde onde é que está? Poluição comeu. Nem o Chico Mendes sobreviveu... Não posso respirar, não posso mais nadar. A terra está morrendo, não dá mais pra plantar. E se plantar não nasce, se nascer não dá. Até pinga da boa é difícil de encontrar...Cadê a flor daqui. Poluição comeu. O peixe que é do mar? Poluição comeu. (Gonzaguinha, 1989).

Observando-se livremente a letra da música *Xote ecológico*, nota-se claramente que a mesma pode servir como objeto de estudo à ecocrítica, ainda que não se trate de texto típico de estudos literários. Destarte, cada vez mais seus objetos de estudo incluem formas diversas de expressões artístico-culturais, muitas vezes para além do universo literário. Embora as abordagens ecocríticas a esses formatos sejam diversas, um objetivo comum e contumaz é eliminar a dicotomia entre natureza e sociedade. Assim, a ecocrítica desconstrói tópicos que abrangem, por exemplo, a escassez de respostas adequadas às crises ambientais, a negligência das preocupações ambientais e as concepções romantizadas da natureza. A justiça ambiental e a ética, nesse contexto, também fornecem plataformas para a ecocrítica.

O ambientalismo moderno e, mais ainda, a ecocrítica representam, em suas construções filosóficas e pragmáticas, *modus vivendi* quase que totalmente incompatíveis diante da maioria (ou de todas) das políticas econômicas adotadas, contemporaneamente, pelos países do Globo. Nesse contexto, a abertura de caminhos para o diálogo entre antropocentristas e biocentristas é premente, e a ecocrítica também contribui para essa perspectiva. Nesse contexto, a ecocrítica, em que pesem limitações em nível de abrangência ou de atingimento de público ainda mais amplo, exerce papel fulcral e intransferível. Portanto, a adição de novas perspectivas tanto metodológicas quanto teóricas na instrumentalização do pensar com sensibilidade ecológica é realização da ecocrítica, bem como certo grau de desmistificação do ideário tecnocêntrico. Deve-se considerar que tal ideário, de fato, encontra-se amplamente em voga no seio das atividades antrópicas, as quais majoritariamente respondem pela ampliação de graves problemas ambientais globais, como a perda de biodiversidade, a poluição hídrica, a poluição dos solos ou as mudanças climáticas e seu mais proeminente fenômeno precursor, o aquecimento global. Na mitigação da crise ambiental, porém, há o papel a ser exercido pela ecocrítica, e este possui relevância e é insubstituível e intransferível.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Editora Vozes: Petrópolis, 2017.
- BRANCO, J. As raízes históricas de nossa crise ecológica. *Agenda Latino Americana*, São Paulo, v. 1, p. 38-9, 2010.
- BUELL, L. *The future of environmental criticism: environmental crisis and literary imagination*. Oxford: Blackwell, 2005.
- BUELL, L. Ecocriticism: some emerging trends. *Qui Parle*, v. 19, n. 2, p. 87-115, 2011.
- BÜHLER, B. *Ecocriticism: grundlagen, theorien, interpretationen*. Estugarda: J.B. Metzler, 2016.

- COSTA, A. F. M. *et al.* Sociedade atual, comportamento humano e sustentabilidade. *Caminhos da Geografia*, v. 5, n. 13, p. 209-20, 2004.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARRARD, G. *Ecocriticism*. Nova Iorque: Routledge, 2004.
- GLOTFELTY, C. Introduction: literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (Ed.). *The ecocritical reader*. Atenas e Londres: The University of Georgia Press, 1989. p. XV-XXXIII.
- GONZAGUINHA. *Xote Ecológico*. Rio de Janeiro: Copacabana Records: 1989.
- GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 1995.
- HAN, B.-C. *Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Barcelona: Herder Editorial S.L., 2014.
- HAYASHI, R. Beyond walden pond: Asian American literature and the limits of ecocriticism. In: MERRILL, A. A. *et al.* (Ed.). *Coming into contact: explorations in ecocritical theory and practice*. Athens: University of Georgia Press, 2007. p. 58-75.
- HOGAN, D. J. População e meio ambiente: a emergência de um novo campo de estudos. In: D. J. HOGAN (Org.). *Dinâmica populacional e mudança ambiental: cenários para o desenvolvimento brasileiro*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo, 2007. p. 13-49.
- HUGGAN, G. Postcolonial ecocriticism and the limits of Green Romanticism. *Journal of Postcolonial Writing*, v. 45, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/17449850802636465>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- JONAH, C. M. A critical analysis of issues in postcolonial ecocriticism. *Ibadan Journal of Humanistic Studies*, v. 30, 2020.
- KOSZ, M. Weak and strong sustainability indicators, and regional environmental resources. In: 38th EUROPEANS REGIONAL SCIENCE ASSOCIATION CONGRESS, 1998, Viena. *Anais [...]*. Viena: 1998.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MANES, C. Nature and silence. *Environmental Ethics*, vol. 4, n. 14, p. 339-50. 1992.
- MANSON, M. *Environmental Democracy*. Londres: Earthscan, 2012.
- MARLAND, P. Ecocriticism. *Literature Compass*, vol.10-11, p. 846-68, 2013.
- MISHRA, S. K. Ecocriticism: a study of environmental issues in literature. *BRICS Journal of Educational Research*, v. 6, n. 4, p. 168-70, 2016.
- NIXON, R. Environmentalism and postcolonialism. In: LOOMBA, A. *et al.* (Ed.). *Postcolonial studies and beyond*. Londres: Duke University Press, 2005. p. 233-251.
- NURI, M. A. Three waves of ecocriticism. *An Overview Horizon*, n. 5, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359055624_Three_Waves_of_Ecocriticism_An_Overview.2020. Acesso em: 21 mar. 2023.

- OPPERMANN, S. *Teorizando a ecocrítica: para uma prática pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 2012.
- PALIWAL, N. Colonialism and environment: a postcolonial eco-critical approach towards Dhruv Bhatt's oceanside blues. *International Journal of English and Comparative Literary Studies*, vol.1, n. 1, 2020.
- PEREIRA, E. M. Sensibilidade ecológica e ambientalismo: uma reflexão sobre as relações humanos-natureza. *Sociologias*, ano 20, n. 49, p. 338-366, 2018.
- ROCHA, R.; FELDMAN, A.; SILVA, M. Ecocrítica e ecofeminismo: uma leitura do conto A Porca. *Revista Ártemis*, vol. 29, n. 1, p. 30-45, 2020.
- ROCKSTRÖM, J. *et al.* Planetary boundaries: exploring the safe operating space for humanity. *Ecology and Society*, v. 14, n. 2, 2009.
- RUECKERT, W. Literature and ecology: an experiment in ecocritism. *Iowa Review*, v. 9, n. 1, p. 71-86, 1978.
- SILVA, D. C.; UBALDO, A. A superação do antropocentrismo: uma necessária reconfiguração da interface homem-natureza. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 41, n. 2, 2017.
- SLOVIC, S. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. In: COUPE, L. (Ed.). *The green studies reader: from romanticism to ecocriticism*. Londres: Routledge, 2000.
- STOPPA, T.; VIOTTO, T. Antropocentrismo x biocentrismo: um embate importante. *Revista Brasileira de Direito Animal*, v. 9, n. 17, 2014.
- WAAGE, Frederick. *Teaching environmental literature: material, methods, resources (options for teaching of English)*. Nova Iorque: Modern Language Association of America, 1985.
- WORSTER, D. *The wealth of nature: environmental history and the ecological imagination*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, 1993.